

A HISTÓRIA CANTADA NO TURISMO: O CASO MISSIONEIRO

History Sung in Tourism: The Missions Case

Rafaely Reggiori¹ & Daniel Oliveira²

RESUMO

A música tradicionalista missioneira constitui-se como uma expressão cultural ligada à história, à identidade e aos processos de memória da região das Missões no Rio Grande do Sul. Fruto de um longo processo de hibridismo entre as culturas guarani, europeia e afros, ela reflete modos de vida, simbologias e resistências. A música revela potencial para além da esfera artística, especialmente quando integrada a práticas de turismo cultural e histórico. Este artigo aborda o papel da música missioneira como elemento cultural, tendo como objetivo investigar as possibilidades de sua integração ao turismo, considerando-a recurso estratégico para enriquecer a vivência dos visitantes, suscitar reflexões e fortalecer a conexão entre turistas e comunidades locais. A análise baseou-se em letras de músicas selecionadas por meio de plataformas digitais, com foco em temas como identidade, ancestralidade, território e memória. Os resultados indicam que a música valoriza fortemente as raízes guarani, jesuíticas e gaúchas, mas evidencia lacunas, especialmente na representação da população negra, muitas vezes estereotipada ou ausente nas narrativas. Conclui-se que a música missioneira pode funcionar como ferramenta educativa e sensorial no turismo, pois quando inserida em roteiros com abordagem crítica e participativa, ela contribui para uma compreensão mais plural e profunda da história regional.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; História; Missões Jesuíticas; Música.

ABSTRACT

The traditionalist music of the Missões region constitutes a cultural expression linked to the history, identity, and memory processes of the Missões region in Rio Grande do Sul. Resulting from a long process of hybridization between Guarani, European, and African cultures, it reflects ways of life, symbolisms, and resistances. The music reveals potential beyond the artistic sphere, especially when integrated into cultural and historical tourism practices. This article addresses the role of Missões music as a cultural element, aiming to investigate the possibilities of its integration into tourism, considering it a strategic resource to enrich visitors' experiences, spark reflections, and strengthen the connection between tourists and local communities. The analysis

¹ **Rafaely Reggiori** – Mestra em Turismo e Hospitalidade. Doutoranda, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8783257976643829>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3881-8341>. E-mail: silvareggiori@gmail.com.

² **Daniel Oliveira** – Doutor em História. Professor de História e Relações Internacionais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2590546240227125>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9935-7362>. E-mail: doliveira@unisinos.br.

was based on song lyrics selected through digital platforms, with a focus on themes such as identity, ancestry, territory, and memory. The results indicate that the music strongly values Guarani, Jesuit, and Gaúcho roots, but reveals gaps, particularly in the representation of the Black population, which is often stereotyped or absent in the narratives. It is concluded that Missões music can function as an educational and sensory tool in tourism, as when included in itineraries with a critical and participatory approach, it contributes to a more plural and profound understanding of regional history.

KEYWORDS

Tourism; History; Jesuit Missions; Music.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a porção Noroeste do Rio Grande do Sul é significativa como cenário das Missões Jesuíticas-Guarani nos séculos XVII e XVIII, um tema de contínuo interesse devido à sua influência na formação da identidade do gaúcho e de suas tradições. O território é permeado por uma narrativa rica em lendas e misticismos, refletidas nos sítios arqueológicos remanescentes, com destaque para o Sítio Arqueológico de São Miguel das Missões, declarado Patrimônio Mundial Cultural e Natural (UNESCO, 1983). A experiência das Reduções Jesuíticas-Guarani, constitui um processo de profunda relevância para a história do Rio Grande do Sul, deixando marcas culturais importantes.

O percurso histórico da Região das Missões foi influenciado sobremaneira pelas ações e interações de mulheres e homens de diferentes etnias, religiões e simbologias de vida, resultantes da globalização oportunizada pelas grandes navegações da Idade Moderna, pela Reforma Religiosa e suas consequências. Eis que a história do Noroeste do Rio Grande do Sul, é global: americana, africana e europeia (principalmente espanhola, portuguesa, alemã, italiana, polonesa...). Por este motivo, apesar de não haver dados sistematizados, apenas os relatos de guias e empreendedores regionais, a Região é majoritariamente procurada para turismo histórico-educativo, sendo roteiro de escolas e universidades. Neste sentido, destacam-se as esferas educativa e cultural, conforme Barretto (2000, p.19), o turismo cultural é: “todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana. Esse aspecto pode ser a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer outro dos inúmeros elementos que o conceito de cultura abrange”.

Com este horizonte, ao pensar em um storytelling histórico-educativo algumas características do período missioneiro são especialmente importantes, por exemplo, os jesuítas visavam a

aculturação indígena aos modos de vida europeu, principalmente por meio da imposição da religião católica sob um sistema de controle rígido, que regravava todas as ações cotidianas, sob pena de castigos físicos e espirituais. Esse fato precisa ser considerado, ainda que tenha ocorrido a assimilação dos códigos culturais por parte dos Guarani.

Neste cenário, havia estratégias pedagógicas utilizadas para a evangelização e manutenção da fé católica e as artes desempenhavam papel extremamente importante. Destacavam-se a música, a produção de esculturas e pinturas. Todas essas atividades artísticas (execução e apreciação) eram formas para a construção e manutenção da fé cristã. Ainda que diferente em suas formas de expressão, a arte se fazia presente entre os Guarani no período anterior ao estabelecimento das Missões, sendo uma das bases para as simbologias terrenas e sagradas do grupo. Coube aos jesuítas migrarem essa forma de conceber e fazer a arte para os códigos da cultura europeia católica e, a partir disso, introduzir ainda outros (Flores, 1986; Andriotti, 2011).

Este preâmbulo que apresenta a música como ferramenta educativa dentro das Reduções, é fundamental para refletir sobre a história da música missioneira até o momento presente. Pois, este artigo, analisa o estilo musical regional (Rio Grande do Sul), denominado Música Tradicional Missioneira, cuja trajetória foi fortemente inspirada pelas Missões Jesuíticas-guarani, o que contribuiu para a partir do Movimento Tronco Missioneiros, demarcar sua singularidade frente à música tradicionalista gaúcha em sua totalidade.

Desta forma, o artigo objetiva investigar as possibilidades de integração da música missioneira ao turismo de experiência, considerando-a um recurso estratégico para enriquecer a vivência dos visitantes, suscitar reflexões e fortalecer a conexão entre turistas e comunidades locais. A análise concentra-se na música como um elemento que reflete e reforça culturas e identidades, abordando sua capacidade de promover a valorização do patrimônio histórico-cultural e incentivar práticas turísticas mais inclusivas e educativas, por meio de análises críticas e tensionamentos de estereótipos.

Justifica-se este estudo considerando o crescente interesse por experiências autênticas e educativas no campo do turismo. No caso das Missões, muitas vezes os aspectos imateriais são menos explorados em relação aos tangíveis, como as Ruínas em São Miguel. Contudo, a música tradicionalista, enquanto manifestação viva da cultura regional, oferece um potencial inexplorado para criar conexões emocionais e sensoriais com os turistas, além de promover o envolvimento das comunidades locais.

Este é um momento significativo para discutir a história missioneira e o turismo, especialmente com a aproximação do ano de 2026, que, conforme o Decreto Estadual nº 57.369 de 2023, celebrará os 400 anos das Missões Jesuíticas Guaranis no Rio Grande do Sul. Ressalto os objetivos elencados no decreto:

I - Divulgar e promover os fatos que protagonizaram e as contribuições das Missões Jesuíticas Guaranis no estado, com eventos que deverão acontecer no ano de 2026, em todas as cidades afins com a história Jesuítica Guarani; e

II - preservar e difundir a memória e a história das Missões Jesuíticas Guaranis no estado, visando à promover a cultura e o turismo, compondo um roteiro para realização de diversos eventos que deverão acontecer, sempre em comemoração ao quadricentenário. (Decreto nº 57.369 de 18 de dezembro de 2023, estado do Rio Grande do Sul)

Além do decreto 57.369, em 25 de outubro de 2024, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, anunciou um programa de investimentos em celebração aos 400 anos das Missões Jesuíticas. O programa objetiva promover o turismo, valorizar a cultura local e estimular o desenvolvimento econômico da Região.

MÚSICA COMO PATRIMÔNIO E POTENCIALIZADOR DO TURISMO

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, diz que o patrimônio imaterial é ao mesmo tempo: “Tradicional, contemporâneo e vivo”. Ou seja, não se limita a tradições antigas herdadas de gerações passadas, mas também abrange práticas rurais e urbanas atuais que envolvem a participação de diversos grupos culturais (UNESCO, 2005, n.p).

Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o patrimônio imaterial compreende: “Práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)”. A identificação e a valorização desses elementos e suas aplicabilidades no turismo auxilia na preservação da cultura local e fomenta o desenvolvimento de produtos e experiências turísticas *autênticas* e *envolventes* (Hall & Mitchell, 2006). Neste ensejo, pode-se conceber que *autênticas* são as experiências que estão profundamente enraizadas em processos históricos, refletindo a diversidade étnica-cultural da Região, seus aspectos particulares e distintivos e proporcionando

momentos educativos. Por sua vez, *envolventes* designa as experiências que estimulam os cinco sentidos humanos, sendo, em essência, vivências sensoriais e emocionais.

O conceito de turismo de experiência, a partir da abordagem de Turner e Bruner (1986), trata a experiência turística como a suspensão das relações cotidianas e repetitivas ao turista, possibilitando uma provocação ou estranhamento ao que lhe é familiar, na mesma medida em que o inclui, gerando sentido à história contada, atividade, local ou monumento visitado.

Um aspecto relevante é que os diversos instrumentos utilizados para gerar sentido à história e promover o turismo através de conexões possuam uma linguagem próxima em abordagem e estilo (o que não ocorre hoje, conforme verificado nas pesquisas em materiais disponíveis sobre as Missões). Salienta-se que a linguagem deve ser acessível, objetiva, mas sem diminuir a complexidade dos processos históricos e culturais. Deve, ao mesmo tempo, possibilitar informações básicas e aproximativas para o turista ocasional e o aprofundamento para os que buscam mais informações ou já são especialistas sobre a temática, considerando a peculiaridade do turismo quando voltado para um tema muito explorado também na academia, como as Missões Jesuíticas. Ou seja, a linguagem adotada deve convidar a conhecer e possibilitar mais e maiores conhecimentos e experiências.

Ao enfatizar o turismo histórico, a história deve ser entendida como conhecimento e experiência, despertando sentidos estéticos (intelectuais e corporais). A palavra estética tem sua origem no grego *aisthesis*, termo que pode abranger, experiência, sensibilidade, percepção sensível, sentimento, sensação e conhecimento (Lacerda et al., 2018).

Considerando a estreita relação entre história e turismo, surgem diferentes possibilidades para utilizar a música que pode ser desde a motivação central em visitas, eventos, palestras e aulas, ou elemento de complemento e ambientação, pois:

a “experiência” exige a mobilização sensorial e fisiológica do corpo humano; ela é uma atividade prática, intelectual e emocional; é um ato de percepção e, portanto, envolve interpretação, repertório, padrões; existe sempre em função de um “objeto”, cuja materialidade, condições de aparição e de circunscrição histórica e social não são indiferentes (Guimarães; Leal, 2008, p. 5-6).

Estabelecendo essas conexões com o turismo, pesquisadores versam sobre uma paisagem que é sensorial ao envolver todos os estímulos do ambiente ao redor. Esta experiência sensorial é amplificada quando o contexto se torna um fator de imersão para o turista, permitindo que a

visita se transforme em uma vivência mais profunda de interação com a cultura e a história do lugar.

Nesse ensejo, a paisagem percebida no turismo abrange uma totalidade de elementos naturais e culturais que interagem com os sentidos do visitante. Sendo percebida como um resultado da interação entre componentes naturais, clima, fauna e flora, entre outros, e componentes culturais, tais como a história e o uso do solo (Swanwick, 2002). Essa apropriação sensorial do ambiente, ao ser combinada com a música, permite uma conexão com o espaço, facilitando uma vivência estética e sensorial, afinal a paisagem é composta não somente de volumes e formas, mas também de sons, cores e odores (Santos, 2002).

Desta forma, a paisagem é concebida como uma construção cultural, ou seja, um espaço que possui determinadas características geográficas, mas não se limita a elas, pois além dos elementos naturais, há o entrelace das percepções e escolhas humanas com a geografia (Wagner & Mikesell, 2007). Segundo Reis (2011), o turismo de experiência busca criar relações sociais e individuais entre turistas e elementos culturais, envolvendo percepções sensíveis e significados compartilhados. Assim, a música como um sistema modelar primário do pensamento humano, capaz de gerar e reforçar culturas (Blacking 2007), pode atuar como recurso educacional, proporcionando aos visitantes uma compreensão crítica da história e cultura local. Através de composições que exaltam tradições, paisagens e ancestralidades, é pode-se criar conexões emocionais e sensoriais que transcendem a mera visitação.

6

A MÚSICA TRADICIONALISTA MISSIONEIRA

A música influencia diversos ritmos na existência humana, e no Rio Grande do Sul, os acordes dos violões e principalmente das acordeonas fazem parte do cotidiano gaúcho. Registra-se que as canções gaúchas frequentemente falam de um personagem destemido, valente e imponente, que reflete uma identidade remanescente do campo de batalha, isto é, masculina, e é necessário ter um ouvido crítico para essa narrativa (Necchi, 2008). Contudo, as *gurias* contemporâneas também vêm fazendo história, seja na gaita ou ocupando outros espaços, desafiando estereótipos e redefinindo papéis:

Os anos (re)inventam verdades. O tempo modifica os cultos. Mantêm fôrmãs de vaidade. Antigo dogma oculto defendido como tradicional. Opressores oprimindo. Doma (ir)racional. Simbólicas atrocidades. Inventando adjetivos, tendo prenda como regalo, suprimimento narcísico do peão. Dona de um corpo não seu. Sem discussão. Manifesto Líquido – 2018, Clarissa Ferreira.

A letra dessa canção convida a refletir sobre as narrativas tradicionais e, ao problematizá-las e discuti-las, traça-se um caminho para sua ressignificação. Tendo a música como expressão cultural de identidade que está associada a todo um sistema de pertencimento:

A “música” é um sistema modelar primário do pensamento humano e uma parte da infraestrutura da vida humana. O fazer “musical” é um tipo especial de ação social que pode ter importantes consequências para outros tipos de ação social. **A música não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana.** (Blacking, John, 2007, p.1, grifo nosso).

Entende-se que este sistema é um mecanismo de recebimento e entrega, e ao considerar a música como um elemento gerativo, ela não apenas espelha cultura e identidade, mas também reforça, inclusive seus estereótipos e preconceitos. Esta pesquisa, ao abordar o turismo de experiência, busca pautar essas tensões, incorporando-as em uma proposta de turismo mais crítico e educativo.

Examina-se como a música associada à história missioneira pode estar ligada ao turismo, atuando como elo entre a memória coletiva e a experiência sensorial. Ou seja, busca-se considerar como a música reflete, reafirma e promove as culturas e as identidades da Região e o seu papel em ambientações turísticas.

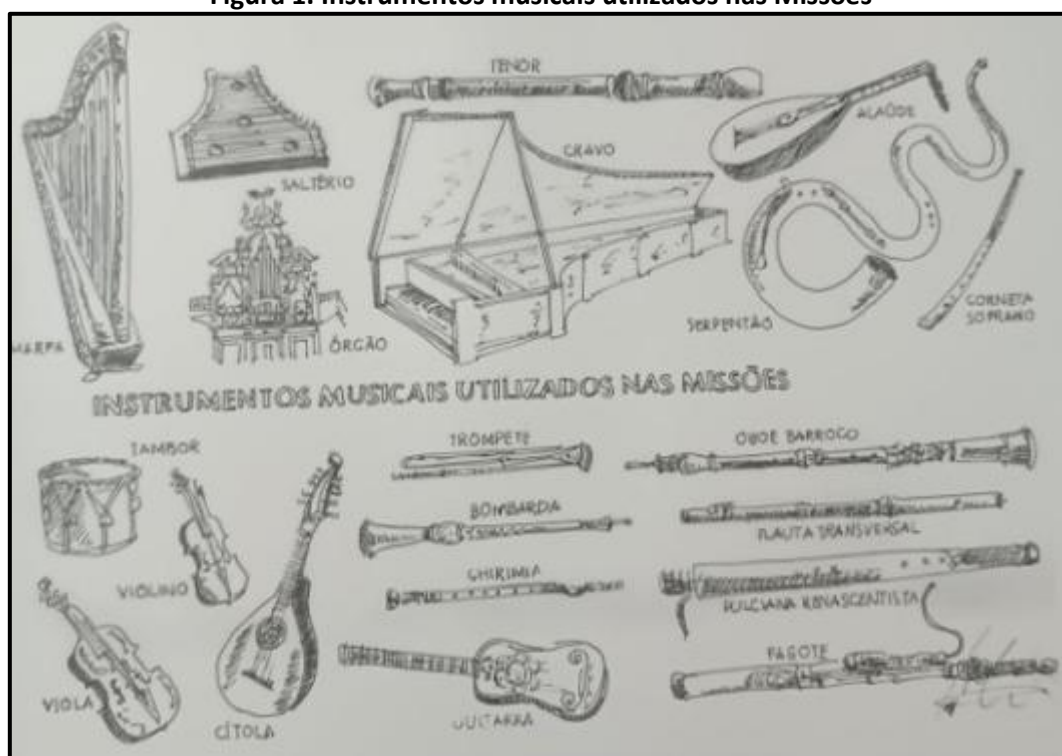
No que tange aos aspectos históricos e potencial turístico oferecido pela música no contexto da Região das Missões do Rio Grande do Sul, há dois sentidos e gêneros distintos, mas que mantêm ligações no que se refere à trajetória histórica da região. O primeiro já citado na parte introdutória, é situado historicamente no período de existência das Missões Jesuíticas-guarani, marcadas pela música de estilo barroco, de origem europeia, executada pelos Guarani. O segundo, pertencente ao século XX e XXI, refere-se a um estilo musical regional missioneiro, parte da música tradicionalista gaúcha, que em suas letras enfatiza o pertencimento e a identidade regional, trazendo diversas características da cultura missioneira, que por vezes, é estendida e acolhida por pessoas de todas as partes do Rio Grande do Sul, inclusive, zona metropolitana e para as que vivem em outros estados ou países.

A música fazia parte dos contextos festivos, políticos, produtivos e religiosos, se constituindo, também, como uma das principais formas de evangelização, nas Missões dos séculos XVII e XVIII. Inclusive, o Regulamento General de Doctrinas de 1689 indicava o número de cantores para cada redução, que não deveria passar de 40 (Hernández, 1913; Dalcin, 1993), um número expressivo, tendo em vista que a população de cada redução ficava em torno de 4.000 e 6.000

missioneiros (cerca de 1% do total populacional), no período de maior povoamento (primeiras décadas do século XVIII) (Pinto, 2002).

Os Guarani eram tidos como grandes reprodutores musicais, no entanto, as dificuldades em relação às línguas, dificultava o aprendizado mais aprofundado, necessário para a criação escrita. Os primeiros instrumentos foram trazidos pelos padres jesuítas, porém, devido às dificuldades financeiras, distância e transporte da Europa (o que também poderia prejudicar a estrutura dos instrumentos), passou-se a ensinar os indígenas a construírem e reproduzirem os instrumentos nas reduções. Escreviam, os jesuítas, que eram tão perfeitos como os produzidos na Europa: cornetas, dulcianas, harpas, cítolas, vihuelas, violas de arco (Montoya, *in* Preiss, 1988). Uma relação mais completa sobre os instrumentos utilizados nas Missões e seus formatos podem ser observados por meio dos traços de Plaza Escrivá (2011) na Figura 1.

Figura 1. Instrumentos musicais utilizados nas Missões



Fonte: Extraído de José Maria Plaza Escrivá (2011).

A percepção relatada pelos turistas na Região das Missões abrange uma linha do tempo: passado, presente e futuro, uma vez que os apelos históricos e os sítios remanescentes das Missões Jesuíticas suscitam reflexões sobre o que ocorreu, o que poderia ter acontecido, ou ainda à luz da História enquanto campo científico, como preservar e valorizar esse patrimônio. Com esta ideia de fluxo temporal, emerge a atual música tradicionalista missioneira, que se

insere como expressão cultural contemporânea, dialogando com a memória regional e com a construção de uma identidade que se reconecta ao patrimônio material e imaterial da Região, integrando-o ao âmbito do turismo histórico-educativo.

A música tradicionalista missioneira, tem quatro cantores como referências centrais (Figura 2), Cenair Maicá (1947-1989), Noel Guarany (1941-1998), Jayme Caetano Braun (1924-1999) e Pedro Ortaça.

Figura 2. Os 4 Troncos Missioneiros



Fonte: Radio Missioneira. Da esquerda para direita: Cenair Maicá (1947-1989), Noel Guarany (1941-1998), Jayme Caetano Braun (1924-1999) e Pedro Ortaça.

Jayme Caetano Braun é tido como a base para o grupo que se denomina como *Os Troncos Missioneiros*:

Através do nosso canto, o povo foi conhecendo a verdadeira história do povo missioneiro, povo de quem foram roubadas as terras, o gado, as riquezas. Mataram, velhos, moços e crianças num extermínio bárbaro. Mas não conseguiram silenciar a voz da verdade, que era ouvida e esparramada pelo vento de coxilha em coxilha, como se fosse um lamento. Não conseguiram apagar sua história de lutas, fraternidade e amor a esse chão colorado! (Ortaça entrevista ao Portal Nova Democracia, 2009).

A música que trata de história, assim como mencionou Pedro Ortaça, seguiu os passos dos hibridismos que iniciaram nas Missões: foi gerada e desenvolvida em uma zona de fronteira, destacando-se a mistura de elementos, devido ao intercâmbio com músicos e outros artistas da região portenha. Dentro disso, não poderá passar despercebido, aos ouvintes, as batidas

abafadas dos tambores de pele, uma outra marca Guarani (curimbó). Assim, a Música Regional Missioneira é uma importante marca cultural, artística e histórica, que transborda a Região, transfronteiriça e transnacional, assim como os seus rios, constituindo-se como uma marca não somente dos e para os seus antepassados e habitantes, mas para todas as pessoas que se identificam com a cultura gaúcha e com elementos do passado missioneiro.

A tabela 1 sistematiza as 32 canções compiladas e analisadas por esta pesquisa.

Tabela 1. Músicas analisadas

Música	Intérprete
Pó Missioneiro	Adams Cezar
Das Missões Para o Rio Grande	Baitaca
Essência de Um Missioneiro	Baitaca
Honra Missioneira	Baitaca
Missioneiro Extraviado	Baitaca
Palanque Missioneiro	Baitaca
Quando canta um missioneiro	Baitaca
Canto Missioneiro	Cenair Maicá
Cepa Missioneira	Cenair Maicá
Missioneiro	César Oliveira
Quando Canta Um Missioneiro	Desidério Souza
O Missioneiro	Elton Saldanha
Missioneiro	Jayme Caetano Braun
A Colonização do Riogrande.	Jayme Caetano Braun
Paisagens Perdidas	Jayme Caetano Braun
Missioneiro	Jorge Guedes e Família
Um Homem Fora do Tempo	Mano Lima
A integração Sul Americana.	Noel Guarany
Canto Ao Payador Missioneiro	Noel Guarany
Destino Missioneiro	Noel Guarany
As Reduções Jesuíticas	Pedro Ortaça
O Respeito aos Ancestrais	Pedro Ortaça
Missioneiro cantor	Raone
Orgulho Missioneiro	Ramão Missioneiro
Galo Missioneiro	Ramão Missioneiro
Canto Missioneiro	Sidney Lima
Tributo Missioneiro	Valdomiro Maicá
Licença Pra Um Missioneiro	Walter Moraes
Jeito Missioneiro	Xirú Missioneiro
Mundo Missioneiro	Xirú Missioneiro
Rio Costeiro e Missioneiro	Xirú Missioneiro
São Luiz Gonzaga Missioneiro	Xirú Missioneiro

Fonte: Dos autores.

As canções foram submetidas a uma leitura atenta para identificar as principais referências ao conceito de "ser missioneiro". Desta maneira, elegeu-se as categorias: pertencimento e territorialidade; luta e resistência; história jesuítica e indígena; natureza e cotidiano rural;

mestiçagem; e memória histórica. A partir da análise, elaborou-se a Tabela 2, que apresenta uma síntese dos temas recorrentes nas composições, destacando como as músicas refletem aspectos da cultura missioneira, tradições, paisagens e ancestralidades.

Tabela 2. Síntese Analítica

Marca	Descrição
Povo Missioneiro e suas Origens	O reconhecimento da identidade missioneira é expressado no vínculo com a terra e com os Guaranis. A terra vermelha e os campos vastos são mencionados com frequência.
Luta e Resiliência	As letras exaltam coragem e resistência, seja na defesa de sua terra, seja em momentos de outras dificuldades. A resiliência da população missioneira em tempos de adversidade é um tema recorrente.
Referências às Missões Jesuíticas	As ruínas e os vestígios das Missões Jesuíticas são um ponto de reflexão, evocando tanto a cultura material (ruínas de São Miguel, por exemplo) quanto a espiritualidade e história deixadas pelos Guaranis e Jesuítas.
Cultura Gaúcha e Tradições	O uso da gaita, a bombacha, o mate e outros símbolos tradicionais do gaúcho refletem a cultura regional com forte apelo aos elementos rurais e campeiros.
Natureza e Paisagem Local	A ligação com a natureza é uma constante nas músicas, seja pelo clima da região (como os ventos e a geada), pela paisagem das missões (os campos, rios, planícies) ou pelos animais que povoam esse ambiente (como os "cuiudos" e o "gado").
Influência Guarani e Jesuíta	A presença dos povos indígenas (principalmente Guaranis) e a influência Jesuíta, com suas particularidades religiosas e culturais, são marcadas em várias letras, refletindo a formação da identidade missioneira com os hibridismos culturais.
Memória Histórica e Religiosa	A memória de figuras como Sepé Tiaraju, assim como a força espiritual e religiosa das Missões, permanece viva nas canções, com menções à cruz missioneira e ao respeito pelas tradições e ancestrais.
Mestiçagem	As músicas narram os hibridismos do povo missioneiro, como em: "Chegaram e se integraram e lavaram formando nova etnia e a nova sociologia com sangue simples de povo, transfusão de sangue novo no altar da biografia", "Índio, gringos e mestiços", "Talvez é um índio português ou castelhano", "Índio vago, descendente de charrua", e "De índio sul-americano, bordoneado de heroísmo". O termo 'bugre', frequentemente associado ao indígena gaúcho, também é utilizado nas músicas para reforçar a identidade missioneira, como em "Sou missioneiro eu garanto, Bugre do queixo torcido" ou "Eu sou bugre costeiro".

Fonte: Dos autores.

Na música "Das Missões Para o Rio Grande" de Baitaca, elementos centrais da cultura gaúcha, como a tradição e o heroísmo histórico, são evocados por meio da menção a figura icônica de Sepé Tiaraju. O personagem simboliza a resistência e o orgulho regional, conectando o "pago querido" nas palavras do compositor, à história de luta e pertencimento. Já em "Essência de um Missioneiro" (Baitaca), a música transporta o ouvinte para o cotidiano rural através de imagens sensoriais como "fogo", "mate", "gado" e "estrela Dalva". Esses elementos criam um vínculo direto com a terra e o modo de vida simples do campo. Por fim, nos exemplos, a canção "Cepa

Missioneira" de Cenair Maicá destaca a herança cultural e a ancestralidade da Região, com referências ao povo Guarani, ao rio Uruguai e ao "sangue" como símbolo de identidade.

Para aprofundar a discussão sobre representatividade étnica e cultural, foi incorporado o estudo de Souza (2019), que analisa a figura do negro nas canções missioneiras. Este tensionamento crítico permitiu evidenciar lacunas e estereótipos presentes nas narrativas musicais, especialmente no que diz respeito à inclusão da população negra regional. As canções base abordadas pelo autor em sua análise, foram organizadas na Tabela 3.

Tabela 3. As Canções e a Presença Negra na Região

O Quilombo das Luzia – Pedro Ortaça	Payada do Negro Lúcio – Jayme Caetano Braun	Trovador Negro – Jayme Caetano Braun
De além mar vieram os negros africanos para o Brasil. Não por vontade própria. Vieram como escravos. Pelearam em guerras e revoluções, para defender uma pátria que nem sua era. Inclusive o Rio Grande do Sul. Espalharam a sua cultura por todo este continente. Na vila 13, nas missões, também existia um quilombo... Das Luzia... Que era bem assim... Raça negra dominando na vila 13 vivia. Carvão na pele curtida Brasa no olho que ardia. E a liberdade na alma no quilombo das Luzia (...). Certa feita a autoridade quis prender as negras Luzia foram os ratos e os baíos e mais o povo que podia e o quilombo pegou fogo e o chão de medo tremia. Peleavam se conversando cotejando no facão não gostavam dos de farda dos paisana também não. E a cada estouro das negras um branco beijava o chão, enquanto da briga crescia, que cerrava a polvadeira as Luzia davam laço com panela e com chaleira. E até os negrinhos de colo davam pau com as mamadeiras. Anda lacaió, negro não ameaça, negro dá!!! A negra fúria guerreira não se dobra ao opressor enfrentam de alma aberta o chicote e o feitor quem	[...] Nas lembranças - retoçando; Eu me paro - recordando as falas do negro lúcio. Muito maior que confúcio pra filosofar trançando! E ele sempre me dizia, enquanto tirava um tento, naquele linguajar lento cheio de sabedoria: - a noite é a ilhapa do dia na argola da escuridão. É quem garante o tirão em todas as lidas sérias, neste varal de misérias que é a existência do cristão! [...] Enquanto filosofava naquele estilo sereno O semblante do moreno parece - se iluminava. A vivência é que falava naquela conversa mansa e - no fundo da lembrança, inda o escuto reafirmar: - parar não é descansar! Porque estar parado - cansa! [...] Inda vejo o conselheiro que evoco com devoção naquele estilo pagão de confúciogalponeiro que me dizia: parceiro nesta existência brasina, cada qual traz uma sina que força alguma desvia e nada tem mais valia que as coisas que a vida ensina!	Negro de sorriso claro. Como sinuelo de pampa, que sintetiza na estampa longínquas reminiscências; Negro que lembrás dolências. De alegrias e tristezas que andaram nas correntezas dos rios de muitas querências. [...] Tu sim - és poeta - e o mundo, prá ti - se torna pequeno. E nem mil poetas - moreno, expoentes de academia, campereando - noite e dia, o vocabulário gasto podem dar cheiro de pasto como tu dás à poesia. Negro de sorriso aberto como clarão de alvorada, abre essa gaita aporreada, e canta - a mais não poder. Canta negro - até morrer, com força de mil gargantas, pois cantando como cantas ninguém te iguala em saber.

nasceu para ser livre de pouco interessa a cor.		
--	--	--

Fonte: Dos autores com base em Souza (2019).

Souza (2019, p. 15, 16, 17, 18, 19) indica que nos versos de “O Quilombo das Luzia”, Pedro Ortaça destaca a cultura e descendência africana no continente americano, incluindo a Região Missioneira, mas a descreve de forma distante, quase como algo à parte, ainda que valorize sua coragem. O autor informa que o Quilombo das Luzia é uma comunidade negra com laços familiares fortes, majoritariamente formada por mulheres na época retratada na música, liderada por Luzia Rodrigues Nenê, conhecida como “Tia Luzia”, que dá nome ao local. A narrativa da canção motivou uma ação judicial movida pelos descendentes de Tia Luzia, sob acusação de racismo e difamação, mas o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul considerou a ação improcedente.

Neste cenário, Souza reforça que ao seu estudo o que interessa é analisar a representação do negro e sua comunidade na canção: “como a violência e o possível convívio costumeiro com ela, implícito na demonstração da habilidade no manejo tanto do facão quanto dos utensílios domésticos no confronto com a polícia” (Souza, 2019, p. 17).

Já em Payada do Negro Lúcio, Souza (2019, p. 17,18) analisa que o cantor Jayme Caetano Braun utiliza outra maneira recorrente representação do negro na cultura missioneira, a figura do “negro mítico”, geralmente associada à sabedoria ancestral. Para Souza, o cantor apresenta o personagem como uma figura que transita entre o humano e o mito e ao comparar a sabedoria do Negro Lúcio com a de Confúcio, Braun não apenas utiliza um recurso poético para enriquecer a métrica, mas também reforça a dimensão desse conhecimento, que está enraizado no saber popular, distante dos saberes acadêmicos ou eruditos. Assim como na canção Trovador Negro, que liga novamente o negro à sabedoria popular, deixando a marca da distinção entre seus saberes e o saber erudito de poetas reconhecidos. O sociólogo conclui:

Pela análise das letras constatamos que a representação do negro na cultura missioneira se dá através da elaboração de estereótipos, constituindo uma visão distante dos sujeitos afro-descendentes, ainda que artisticamente elaborada. Tal visão demonstra haver a distinção entre os sujeitos auto identificados como missioneiros e os negros, sempre referidos em terceira pessoa, constituindo de certa forma o “outro”, uma alteridade distinta do missioneirismo. (Souza, 2019 p. 19).

Essa abordagem que tensiona os estereótipos é interessante para este estudo, pois permite evidenciar a pluralidade étnica e cultural das Missões, conectando o turismo à valorização do patrimônio regional. Nesse sentido, a música se apresenta como uma ferramenta para o

turismo, pois não apenas narra a identidade missioneira, mas também convida o turista a sentir, compreender, estabelecer uma conexão com a essência da Região, o que inclui suas disputas identitárias.

Nas canções são evidenciados inúmeros elementos importantes pensando em turismo: Conexão com a terra, paisagens e o cotidiano rural, paisagens e sensações, herança histórica e cultural (ancestralidade), resistência e acolhimento. E ao buscar mais elementos, consegue-se reconstruir narrativas, racionalizando-as como no caso dos enredos que incluem a população negra regional.

Tais narrativas musicais podem compor os roteiros turísticos, permitindo que os visitantes vivenciem a região como um espaço de memória viva, que pode e deve se reinventar a partir do conhecimento, podendo a música atuar tanto como elemento central em um turismo educativo, quanto componente de ambientação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar os elementos culturais e seus sentidos que permeiam a Região Missioneira, e compreendendo a História como ciência da trajetória dos homens no tempo (Bloch, 1976), é possível ampliar a visão sobre as movimentações humanas, as relações entre diferentes grupos étnicos e sociais, bem como suas interações com o meio ambiente, a geografia e o clima. Essa perspectiva histórica enriquece a compreensão do passado e oferece bases sólidas para repensar as formas de aproximar o público contemporâneo desse enredo cultural.

Quando transposta ao contexto do turismo de forma limitada, isto é, de forma fragmentada, reduzida a datas, eventos isolados ou descrições superficiais, a história perde sua força educativa. Visitas sem interação ou profundidade tendem a causar cansaço e afastam o visitante do contato significativo com o patrimônio. Por outro lado, quando a narrativa histórica é pensada estrategicamente, com base em experiências reais e contextualizadas, ela se torna um recurso poderoso para engajar o público e transformar a visita em uma experiência educativa e sensorial.

A música tradicionalista missioneira possui grande potencial para integrar o turismo, conectando turistas à identidade cultural e histórica da região. Ao valorizar o patrimônio imaterial, promove-se práticas turísticas mais inclusivas, sustentáveis e conscientes, garantindo protagonismo à diversidade local.

A análise crítica das letras musicais revela que, embora muitas composições expressem tradições e valores regionais, elas também reproduzem estereótipos e narrativas dominantes, especialmente no que diz respeito à representação da população negra. Esse tensionamento abre espaço para reflexões e debates fundamentados em evidências históricas, contribuindo para uma abordagem mais plural e responsável da memória coletiva.

Nesse sentido, o turismo contemporâneo pode ir além da simples contemplação de paisagens ou Ruínas. Ele pode assumir um papel pedagógico, incorporando músicas como ferramentas educativas para desconstruir estereótipos e apresentar versões mais inclusivas da história regional. Roteiros turísticos podem incluir visitas a comunidades negras, acompanhadas por interpretações musicais que destaquem a contribuição afro-brasileira para a cultura missioneira. Guias turísticos e materiais didáticos podem conter análises das letras, incentivando o turista a refletir sobre os contextos históricos, sociais e simbólicos das narrativas apresentadas.

A música também pode funcionar como elemento ambiental e emocional em espaços turísticos como os Sítio Arqueológico de São Miguel das Missões, centros culturais ou feiras gastronômicas, evocando memórias coletivas e provocando conexões emocionais. Atividades como oficinas de composição musical, apresentações ao vivo e debates sobre o papel da música na construção da identidade podem envolver tanto turistas quanto moradores, promovendo diálogo intercultural e trocas significativas. A Tabela 4 abaixo compila algumas propostas neste sentido.

Tabela 4. Propostas

Música e Patrimônio Imaterial	Criação de <i>playlists</i> temáticas com canções missioneiras vinculadas a locais específicos.
Educação Histórica	Inserção de análises críticas das letras musicais em guias turísticos e materiais didáticos.
Turismo Cultural	Realização de festivais musicais em sítios históricos, com shows ao ar livre e participação de artistas regionais.
Turismo Educacional	Oficinas de criação de letras musicais com estudantes e jovens, discutindo temas históricos e identitários.
Inclusão Social e Cultural	Inclusão de roteiros que contemplem a história e a presença afro-brasileira na região, com apoio de músicas como " <i>O Quilombo das Luzia</i> " e " <i>Payada do Negro Lúcio</i> " (<i>sempre utilizando de criticidade ao abordá-las</i>).
Turismo Sensorial	Uso de audioguias nas visitas guiadas, com trechos musicais que evitem a repetição mecânica de informações e promovam conexão emocional.
Participação Comunitária	Envolver artistas locais e comunidades indígenas e negras na elaboração de atividades turísticas e culturais.

Ressignificação de Narrativas	Debates e palestras em espaços turísticos sobre a relação entre música, identidade e história regional.
-------------------------------	---

Fonte: Dos autores.

Ao integrar música, história e turismo, verifica-se que a música pode atuar como ferramenta educativa e sensorial, promovendo conexões entre o visitante e o território missioneiro. Seja por meio da valorização dos hibridismos culturais, seja pela crítica às representações estereotipadas, a música oferece oportunidades para que o turismo vá além da visita contemplativa, tornando-se uma prática crítica e transformadora.

A história das Missões resiste às molduras rígidas, exigindo um olhar crítico e sensível aos movimentos sociais, culturais e políticos que a constituíram. Ao contrário de outros destinos turísticos onde a história parece precisar ser inventada ou reconstituída artificialmente, na Região ela se apresenta densa, complexa e rica em significados. Disputas territoriais, tensões identitárias, fé, misticismos, processos de conversão, rebeliões, guerras e resistências culturais são elementos que atravessam essa trajetória e que, ao serem revisitados evidenciam a compreensão sobre o importante papel da educação e do conhecimento histórico no turismo.

Nesse sentido, a inclusão de grupos marginalizados, como as comunidades afrodescentes, torna-se essencial para a construção de uma narrativa turística mais equilibrada e inclusiva. Conforme bem observado por Dória (2024), ao nos concentrarmos nas influências culturais desses grupos, deparamo-nos com o problema das referências que os comprimiram historicamente, apresentando-os de forma homogênea, quando, na verdade, sempre foram marcados por uma diversidade cultural significativa. Assim, faz-se imprescindível buscar um conhecimento cada vez mais particularizado sobre essas comunidades, valorizando suas especificidades. Essa questão permanece aberta e deve ser objeto de futuras pesquisas, especialmente no que diz respeito à participação ativa dessas comunidades na formulação de políticas públicas e estratégias de turismo.

REFERÊNCIAS

Andriotti, D. (2011). *Música nas Missões. In São Miguel das Missões: Arte e cultura nos Sete Povos - Desenhos de um arquiteto*. UNISINOS; Delphi.

Barbosa, I. D. (2012). Os troncos missioneiros e a construção da identidade missioneira a partir da música. *Para Onde!?*, 6(2), 171-177.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

- Barretto, M. (2000). *Turismo e legado cultural*: As possibilidades de planejamento. Papirus.
- Blacking, J. (2007). Música, cultura e experiência. *Cadernos de Campo*, 16(16), 201-218. [Link](#)
- Bloch, M. (1976). *Introdução à história*. Europa-América/Mem-Martins.
- Cogo, R. S. (2012). Da memória ao storytelling: Em busca de novas narrativas organizacionais [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo].
- Dalcin, I. (1993). *Em busca de uma "terra sem males"*: As reduções jesuíticas guaranis, evangelização e catequese nos sete povos das Missões. Edições EST.
- Dória, C. A. (2024). *Remates culinários*. Edições Tapioca.
- Ferreira, C. (2008). Manifesto líquido. [Link](#)
- Flores, M. (1986). *Colonialismo e missões jesuíticas*. EST; Instituto de Cultura Hispânica do Rio Grande do Sul.
- Franzen, B. V. (1999). *Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no sul do Brasil e Paraguai (1580-1640)*: Um estudo comparativo. Ed. UNISINOS.
- Guimarães, C. G., & Leal, B. S. (2008). Experiência estética e experiência mediada. *Intexto*, (19), 32-46. [Link](#)
- Hall, C. M., & Mitchell, R. (2006). Gastronomy, food and wine tourism. In *Tourism business frontiers*. Routledge.
- Hernández, P. (1913). *Organización de las Doctrinas Guaraníes de la Compañía de Jesús*: Transcripción completa del Reglamento General de Doctrinas de 1689 (Vol. II).
- Lacerda, L. O., Ferreira de Sousa, B. N., Lopes, N. N., & Montenegro, P. A. M. (2018). A estética como disciplina filosófica. *Encontros Universitários da UFC*, 3, 5047.
- Montoya, R. de. (1997). *A conquista espiritual*. Martins Livreiro.
- Necchi, V. (2008). A invenção da superioridade: O ufanismo como projeto identitário do gaúcho. *Revista O Norte*, (6), 16-21. Arquipélago Editorial.
- Ortaça, P. (2009). E a lança fez-se guitarra [Entrevista]. Portal Nova Democracia. [Link](#)
- Plaza Escrivá, J. M. (2011). Apresentação. In *São Miguel das Missões: Arte e cultura nos Sete Povos - Desenhos de um arquiteto*. UNISINOS; Delphi.
- Pinto, L. F. S. (2002). *As Missões Orientais*. AGE.
- Reis, A. C. (2011). A experiência estética sob um olhar fenomenológico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(1), 75-86. [Link](#)
- Santos, M. (2002). *Metamorfoses do espaço habitado*. HUCITEC.

Reggiori, R., & Oliveira, D. (2026). A história cantada no turismo: o caso missioneiro, 18(01), e180114.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v18ipe180114>

Souza, R. M. de. (2019). A invisibilidade social do negro: Um estudo a partir da identidade missioneira na região noroeste do Rio Grande do Sul. *In* Anais do XIX Congresso Brasileiro de Sociologia. [Link](#)

Swanwick, C. (2002). Landscape character assessment: Guidance for England and Scotland. Scottish Natural Heritage & The Countryside Agency. <https://digital.nls.uk/pubs/e-monographs/2020/216649977.23.pdf>.

Turner, V. W., & Bruner, E. M. (Eds.). (1986). *Dewey, Dilthey, and drama: An essay in the anthropology of experience*. University of Illinois Press.

Wagner, P., & Mikesell, M. (2007). Os temas da geografia cultural. In R. L. Corrêa & Z. Rosendahl (Orgs.), *Introdução à geografia cultural* (2ª ed.). Bertrand Brasil.